

ARQUITETURA COMO OBJETO ESTÉTICO

ARCHITECTURE AS AN AESTHETIC OBJECT

LAURA FROSSARD⁶

Resumo

Com base nos conceitos de Heidegger proponho a correlação entre o espaço e a arquitetura, e assim, evidenciar a arquitetura como um fazer de significação e pertencimento, de construção da identidade e dignidade do indivíduo, o caráter existencial do espaço e seu papel direto na fundamentação da arquitetura como um fazer de significação.

Palavras-chave: Arquitetura, significação, dignidade, identidade e pertencimento.

Abstract

Based on Heidegger's concepts, I propose the correlation between space and architecture, and thus, highlight architecture as a process of meaning and belonging, of construction of the individual's identity and dignity, the existential character of space and its direct role in the foundation of architecture as a making of meaning.

Keywords: Architecture, meaning, dignity, identity and belonging.

O EU COMO PERTENCIMENTO

A concepção grega do eu se dá como parâmetro e medida, na esfera de pertencimento, em que o homem se insere na região de sua apreensão. Esse “eu” representa uma restrição daquilo que é e está para ele.

Por meio desse pertencimento a essa esfera, um limite é ao mesmo tempo assumido contra aquilo que não se apresenta. É aqui, portanto, que o si mesmo do homem é definido como o “eu” respectivo por meio da *restrição* ao desvelado circundante. A pertinência restrita à esfera do desvelado constitui concomitantemente o ser si mesmo do homem. É por meio da restrição que o homem se transforma em “eu”, mas não por meio da supressão *de tal ordem* das restrições que o eu que representa a si mesmo se incha e transforma em ponto de medida e em centro de tudo aquilo que é representável. O “eu” é para os gregos o nome para o homem que se insere nessa restrição, e, assim, é junto a si *ele* mesmo (Heidegger, 2014, pg.555).

Heidegger busca o sentido de ser para a materialidade da existência do ente, dando a ela um sentido temporal de pertencimento do ente ao cotidiano que o envolve, em que o ente dá significado ao ser como *ser/estar*⁷ -no-mundo. A significação de sua existência se dá na relação em que o ente cria com os entes à sua volta e assim afirma o seu pertencer, o seu estar-no-mundo.

A busca se desenvolve na tentativa de superação da dualidade metafísica da existência. Ainda dentro da construção eurocêntrica da filosofia moderna, Heidegger procura uma abordagem diferente do que a metafísica tradicional prega, deslocando a essência do ser e das coisas para o mundo transcendente.

Dessa maneira, ser é um conceito universal que não

⁶ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília, mestre em Teoria, História e Crítica, na linha de Estética, Hermenêutica e Semiótica pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - PPG/FAU-UnB.

⁷ “Cabe lembrar que para Heidegger “ser” e “estar” são a mesma coisa, o ser, o ente “é”, e o “é” é porque ele(a) “está” no mundo. Ser e estar são inseparáveis, mas infelizmente na língua portuguesa eles acabaram por nascer separados. O verbo ser (to be) em inglês e em alemão; serve tanto para expressar o “ser” como o verbo “estar”, e o “ser” é descrito como being, o sendo, “o estando, o inacabado; construir é sempre um construindo, um cultivando, um eterno construir, manter.” (Fuão, 2016, pg. 11 e 12.

possui delimitação própria, não pode ser a ele atribuído uma definição derivada de um conceito superior ou não pode ser definido por uma elaboração de conceitos inferiores (Heidegger, 2012, pg. 37). O ser não é um ente, pois ele não se delimita, ser é um conceito de entendimento próprio. Porém todo ente pergunta por um sentido de ser, o próprio ato de se perguntar pelo sentido de ser já é um modo de ser, uma maneira de se ser-no-mundo.

Tomás de Aquino, ao perguntar “o que é a verdade?”, primeiro sugere que verdadeiro é aquilo que é, ou seja, parece ser o ente. Parece que isso corresponderia à concepção aristotélica de que a verdade seria a coisa se mostrando, se desencobrendo. Conceito é, aí, o que se diz sobre uma coisa, uma definição, mas não é bem isso que Aquino pensa.

Para ele, a verdade não pode ser a disposição da coisa. Por que não? Porque esta é cambiante, enquanto a verdade para ele deveria ser eterna, já que repousaria em um mundo de formas eternas criadas por Deus antes mesmo de criar as coisas. As coisas seriam, portanto, mutáveis, mas a verdade não seria. A verdade não pode ser, então, a coisa aparecendo, se mostrando, se desvelando, pois isso muda no tempo (Kothe, 2020, pg. 10 e 11).

A concepção de ser de Heidegger afronta diretamente a tradição metafísica e escolástica de uma verdade absoluta fundada em crença e dogmas. A fundamentação de uma verdade absoluta e imutável baseada na crença monoteísta acarreta um crescente aumento do pensamento totalitarista de compreensão de mundo, realidade que vivemos atualmente. Ainda não se superou a crença do ser superior, apesar das barbáries das ditaduras fascistas vividas ao longo do século XX e das atrocidades cometidas pelo totalitarismo na Segunda Guerra Mundial.

O pensamento totalitário tem fundamento no monoteísmo, pois, ao afirmar que há somente um deus verdadeiro, defendido por quem nele crê e pela Igreja, não pode admitir o caráter temporal e relativo da verdade (Kothe, 2020, pg. 10 e 11).

Para Heidegger, a não conceituação própria do ser não é um esvaziamento do sentido do mesmo, mas uma busca de pôr em liberdade o sentido de ser, de potencializar diferentes formas e possibilidades de se ser/estar-no-mundo. A essência do ser está na sua própria existência, na forma como esse ser expressa e se apropria do seu modo de ser ente no mundo.

Ao perguntar sobre o ser, esse ser se refere ao ser do ente, ente, na concepção de Heidegger, é uma denominação dada a “uma multiplicidade deles e em diversos sentidos. Ente é tudo aquilo de que discorreremos, a que visamos, em relação a que nos comportamos dessa ou daquela maneira; ente é também o que somos e como somos nós mesmos” (Heidegger, 2012, pg. 45).

Para Aquino, “a primeira das coisas criadas é o ser”. Isso pretende ser Platão, mas não é, pois o mundo das ideias é expressamente refutado no final da *República* por Sócrates, que ironicamente havia proposto esse mundo como explicação da identidade das coisas. Embora isso pretenda ser Aristóteles, também não é. Não há um ser antes das coisas. O ser é o ser do ente, não um ser anterior a todos os entes. Aristóteles afirmou que nenhum ente é o ser.

Aquino inverteu isso. Para ele há um ser antes dos entes, que faz com que eles sejam. Isso é idealismo absoluto, não histórico. Não pode haver, portanto, um ser antes dos entes nem entes que não sejam. Eles são o que são porque são, porque estão aí, são decifráveis em sua identidade (Kothe, 2020, pg.11).

O ser do ente se projeta no significado que esse se lhe apresenta no seu cotidiano, no núcleo em que este está inserido, por isso, seu ser é um ser/estar-no-mundo, é habitar, morar, é concretizar a sua existência por meio de uma linguagem. Pertencer a um lugar, a uma função é que lhe dá sentido e identidade em sua existência.

Construir não é um meio para apenas meio, um pré-requisito, ou uma intermediação para estar dentro de casa, ter um teto; ainda que isso seja uma questão óbvia, não é tão óbvia assim. Não é só construindo

que eu moro, ou vivo de fato, ainda que o construir seja inseparável desse morar, e vice-versa. Nesse ponto, exatamente, Heidegger coloca que morar não é simplesmente morar, habitar não é só habitar. Para ele: “viver (habitar)” (Fuão, 2016, pg. 3).

As coisas com as quais o ente se relaciona, que pertencem em seu cotidiano, constituem o lugar do ente e dão abertura para a sua maneira de ser, seu ser-no-mundo.

A essência do ente é ser-no-mundo, é um estar-aí, assim, a essência daquilo que está no mundo, está, porque permanece no tempo, e essa permanência se dá em uma espacialidade, que o ser ocupa, na relação que constrói com os entes do espaço que compõem o seu cotidiano do qual o ente retira o seu significado e sua identidade. A existência se afirma no modo como o ente está-no-mundo, como ele habita, mora, vive.

O espaço é aquilo com que o ente se confronta. Não é uma abstração matemática de medidas e propriedades físicas de um experimento. O espaço é o lugar da existência do ente, em que ele elabora os seus

pensamentos, junto às coisas que o circundam, assim, o espaço é lugar, é significação, ou seja, é a maneira como habitamos o mundo.

Nesse sentido, os lugares é que dão abertura aos espaços. As coisas são lugares, à medida que constroem sentido àquilo que se relaciona com ela. No texto *Construir, Morar (Habitar)*,⁸ *Pensar*, Heidegger indica como uma ponte cria estância e circunstância e, assim, surge dela um lugar que abre espaço aos relacionamentos entre as coisas e ao pensar dos entes.

A ponte é, sem dúvida, uma coisa com características próprias. Ela reúne integrando a quadratura⁹ de tal modo que lhe propicia estância e circunstância. Mas somente isso que em si mesmo é um lugar, pode dar espaço a uma estância e circunstância. O lugar não está simplesmente dado antes da ponte. Sem dúvida, antes da ponte existir, existiam ao longo do rio muitas posições que podem ser ocupadas por alguma coisa. Dentre essas muitas posições, uma pode se tornar um lugar e, isso, através da ponte. A ponte não se situa num lugar. É da própria ponte que surge um lugar. A ponte é uma coisa. A ponte reúne integrando a quadratura, mas reúne integrando

⁸ Ao longo do texto junto ao termo habitar inserimos os termos morar e viver, pois entendemos que esses termos expressão melhor o sentido original trazido por Heidegger de compreensão e copertencimento do mundo através da morada, permanência e construção da realidade que indica o processo de apropriação da existência pelo espaço que constrói e ocupa. Em *Construir, morar, pensar: uma releitura de 'construir, habitar, pensar' (bauen, wohnen, denken)* de Martin Heidegger, 2016, Fuão ressalta: “O verbo *wohnen* na maioria das traduções para o português e espanhol foi traduzido como “habitar”, aqui oportunamente traduzimos o *Wohnen* por outros sinônimos como: morar, viver, residir, sem nos fixar numa só precisamente. Adotei na maioria das vezes a tradução “morar” e ou “viver”; dentre esses vários sentidos, a meu juízo: os que melhor comportam, suportam o sentido poético do que seja *wohnen* para Heidegger.”

⁹ O termo quadratura é empregado por Heidegger para indicar aquilo que compõe o mundo no qual o homem habita. Heidegger escreve: “Chamamos quadratura essa simplicidade. Em habitando os mortais são na quadratura. O traço fundamental do habitar é, porém, resguardar. Os mortais habitam resguardando a quadratura em sua essência. De maneira correspondente, o resguardo inerente ao habitar tem quatro faces.” A quadratura é composta pelo céu, a terra, os mortais e o divino. Sobre o divino Heidegger escreve: “Os mortais habitam à medida que guardam os deuses como deuses. Esperando, oferecendo-lhes o inesperado. Aguardam o aceno de sua chegada sem deixar de reconhecer os sinais de suas errâncias não fazem de si mesmo deuses e não cultuam ídolos. No infortúnio, aguardam a fortuna então retraída.” E mais adiante Heidegger conclui: “Salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar.” (Heidegger, 2021, pg.130). Logo, na concepção de morada, da forma como se constrói o habitar do homem na terra proposta por Heidegger, ainda se perpetua a ideia de transcendência como um resguardo do essencial.

no modo de proporcionar à quadratura estância e circunstância. A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço (Heidegger, 2021, pg.121).

O espaço é então uma abertura dada por uma coisa, algo construído ou cultivado pelo ente que lhe dá significação na sua relação com as coisas e com o seu modo de compreender, morar (habitar) o mundo. Esse espaço se abre justamente pela organização que o próprio ente opera, ao construir e delimitar um espaço, assim o ente dá extensão e, ao mesmo tempo, limite à sua maneira de viver, compreender e morar (habitar), pois consegue operar sua existência, dentro de um espaço factual, real e não apenas um espaço de abstração matemática. É a fatualidade do espaço que dá a ele significado, e é nele que se operam os conceitos que dão possibilidade ao pensar.

Trata-se de ver como o *homem* é no espaço. O homem não é no espaço como um corpo [*Körper*]. O homem é no espaço, de modo que ele **arruma** [*einräumen*] o espaço, sempre já instalou espaço. Não por acaso nossa língua fala em ceder espaço [*von einem Einräumen*] quando alguém admite algo, permite um argumento. O homem permite o espaço como **liberando o espaço** [*Räumende*], libertador [*Freigebende*] e arranja a si mesmo e às coisas nesse âmbito livre. O homem não possui corpo algum e não é nenhum corpo [*Körper*], mas vive seu corpo-próprio [*Leib*]. O homem vive [*lebt*] enquanto corporifica [*leibt*] e assim está imiscuído [*eingelassen*] no aberto do espaço e, por meio desse imiscuir-se,

já se detém em relação aos outros homens e às coisas¹⁰. (Heidegger, 2008, p.19).

Como consequência de sua existência, o homem mora (habita), em habitando constrói lugares, para dar significação, da mesma maneira que constrói a significação das coisas, por meio da linguagem. Tanto a linguagem quanto o construir são a forma como o homem habita o mundo.

Heidegger parte exatamente desta questão da linguagem para pensar o morar, ou seja: ele pensa o habitar desde a questão da linguagem, a linguagem como o lugar do poético que guarda a essência desse morar. Para a ele a linguagem funda o ser, somos o que somos pela linguagem, pensamos o que pensamos através da linguagem, ela determina nosso pensar. Mas também para Heidegger, esse “morar” funda o ser, somos o que somos graças à morada, a moradia, pensamos o que pensamos também através da casa, do lugar, ela também determina nosso pensar. As palavras moldam e direcionam nosso pensar, a casa doméstica e conforma também nosso pensar (Fuão, 2016, pg. 2).

Assim sendo, a essência do ente está na sua própria existência e no significado que ele dá à sua relação com os entes que compõem a sua vida cotidiana. A região, em que o homem está inserido, torna-se traço fundamental de sua essência, morara, habitar e pertencer são, dessa maneira, alicerces do ser do homem.

O próprio pensamento se caracteriza pelo fato de estarmos presentes e deixarmos vigente ao nosso

¹⁰ Optei por alterar na tradução original a palavra instala para arruma e a palavra espaçante para liberando espaço, pois entendo que estas traduzem melhor o sentido pretendido por Heidegger para o texto. Segue a tradução original do texto: Trata-se de ver como o *homem* é no espaço. O homem não é no espaço como um corpo [*Körper*]. O homem é no espaço, de modo que ele *instala* [*einräumen*] o espaço, sempre já instalou espaço. Não por acaso nossa língua fala em ceder espaço [*von einem Einräumen*] quando alguém admite algo, permite um argumento. O homem permite o espaço como **espaçante** [*Räumende*], libertador [*Freigebende*] e arranja a si mesmo e às coisas nesse âmbito livre. O homem não possui corpo algum e não é nenhum corpo [*Körper*], mas vive seu corpo-próprio [*Leib*]. O homem vive [*lebt*] enquanto corporifica [*leibt*] e assim está imiscuído [*eingelassen*] no aberto do espaço e, por meio desse imiscuir-se, já detém-se em relação aos outros homens e às coisas.

pensamento aquilo que está presente em nosso entorno, o próprio perceber, como Heidegger destaca no texto “*O que quer dizer pensar?*” faz-se por meio desse estar vigente: “Este perceber que destaca é um re-presentar, no sentido simples, amplo e, ao mesmo tempo, essencial de deixar algo vigente estar e pôr-se diante de nós tal como está e se põe” (Heidegger, 2021, pg.121).

Ao perceber, o estar, como presença e pertencimento, no espaço e no tempo que o ser ocupa, é que ele é capaz de pensar o essencial de seu próprio ser e assim tornar-se disponível à espera necessária para que o pensamento aconteça. Segundo Heidegger, esse perceber das coisas não se dá apenas no sentido de, ao perceber representar a si, ou de si a perceber isoladamente. Se o movimento da percepção se der apenas no sentido de se impor à coisa, transformando-a em objeto da sua própria determinação, o pensamento da própria coisa e da essência do ser se limitam e o pensamento propriamente dito deixa de acontecer. Se o pensamento não superar esse auto-reflexo de si nas coisas e não se deixar aberto à possibilidade e se estar alerta para ir além disso, o pensamento não será dado no ser e, dessa maneira, o ser não será capaz de morar, habitar.

...em nosso tempo, que muito dá a pensar, o que cabe mais cuidadosamente pensar mostra-se no fato de não pensarmos, isto é, de ainda não correspondermos propriamente ao que cuidadosamente cabe pensar. Até agora ainda não nos introduzimos no modo próprio de ser do pensamento para aí habitarmos (Heidegger, 2021, pg.121).

Heidegger, no texto *Construir, morar (habitar)*¹, *pensar*, define a essência do morar, viver, (habitar) como resguardo, resguardando aquilo que é essencial no ser, que podemos propriamente habitar e, assim, tendo resguardo do que é fundamental à essência do ser, esse pertence, de-mora-se, compreende, mora, habita. Ao morar, habitar e compreender, é que exerce a liberdade, pois a liberdade está no resguardo, pode expressar-se, porque a essência do ser está resguardada.

O indivíduo pode expressar o seu ser em liberdade, ao pertencer, a permanência do morar e compreender o seu espaço torna possível o pensamento livre com abertura do ser em direção ao essencial, sem o aprisionamento da capacidade e da potencialidade do indivíduo como ser.

O ESPAÇO EXISTENCIAL DO SER

...o que é o espaço?

Encontramos a primeira discussão tematicamente conduzida [ausgeführte] dessa pergunta no livro IV das preleções aristotélicas sobre a Φύσις. Traduz-se essa palavra grega, de modo bem impreciso, por meio da palavra latina *natura*, natureza. Os gregos pensam os φύσει ὄντα, aquilo que se apresenta a partir da natureza [das von Natur Anwesenden], como aquilo que eclode [aufgeht] a partir de si mesmo e, assim, aparece. Isso que desse modo se apresenta é distinto daquilo que não deve sua presença a Φύσις, mas vem à presença mediante o produzir [Her-stellen] humano. O conhecer-bem [das Sichauskennen] um tal produzir chama-se, em grego, τέχνη. Essa palavra é também o nome grego para a arte. Nossa palavra arte [Kunst] vem de conhecer [Kennen], conhecer bem uma coisa e sua produção. Τέχνη e arte não significam um fazer, e sim um modo de conhecimento. Este, por sua vez, tem para os gregos o traço fundamental do desocultar [entbergen], do apresentar desocultante daquilo que se apresenta [des Vorliegenden]. Aquilo que se apresenta mostrando-se a partir de si mesmo são os corpos (ἴωματα) animados e inanimados. Aquilo que, de modo bastante impreciso, denominamos de espaço é representado a partir da perspectiva dos corpos [Körper] que se apresentam (Heidegger, 2008, p.17).

O próprio ser/estar-no-mundo, assim como pontuado por Heidegger, exige uma espacialidade, a corporeidade presente no ser e nas coisas, pressupõe um habitar do mundo, um estar no mundo, uma es-

pacialidade concreta, seja ela material ou abstrata, para que se possa ser como existência presente no mundo.

Essa relação de ser com a abertura de espaço, desse estar-aí das coisas, é que abre espaço que dá existência às coisas. Essa abertura de espaço é o que faz possível a significação, pois, dando lugar e abrindo espaço, é que se realiza o sentido da coisa com o mundo e com os que cercam e compõem seu entorno.

A permanência do ser, o estar junto as coisas confere o habitar, para a existência de cada um, a existência é essencialmente espacial, por isso, dá-se, dentro do espaço concreto, onde se efetiva o estar de cada um. A existência só se compreende, a partir de si própria, da sua relação de corporeidade e espacialidade que definem seus próprios limites de compreensão. A relação espacial do ser com as coisas que formam seu mundo, que compõem seu entorno, dão fatualidade à sua existência. Por meio dessas relações ele está no mundo e compreende a si mesmo. Assim, o ser não é uma dimensão externa ao mundo em que habita, ele compõe esse mundo e é formador dos lugares e do espaço em que concretiza sua existência. O espaço não está fora nem dentro dele, mas se forma junto com o ser, sendo assim, uma dimensão ontológica de sua existência e não um *extensio* matemático abstrato.

O “ser” em Heidegger é um geral, um conceito, enquanto o “ente” é o indivíduo “aqui e agora”, o “*Dasein*”, o singular. Seu correlato análogo seria o conceito de espaço e de lugar, o espaço é uma abstração tal qual o ser, e o lugar seria a individualização desse espaço, o lugar único. Para Heidegger o ser é o lugar também, o *Dasein* é inseparável de seu lugar, de seu *topos*. E esse *topos* fala, ele não é inócuo, não um espaço abstrato, mas um vivo e compartilhado com outros seres vivos; ele faz pensar (*denken*); dá o que o que pensar, dá o pensar, faz pensar um determinado pensar. Em Heidegger é o “ente” com todos os seus dramas do dia a dia que interroga o “ser”, interroga sobre sua inevitabilidade ante a morte, assim como o lugar também interroga o ser. O ser no mundo,

esse “estar aqui” é o que angústia, e essa angústia para Heidegger está relacionada a um “não mais nos sentirmos em casa” (Fuão, 2016, pg. 13).

A espacialidade essencial da existência do ser/estar está ligada diretamente com o seu pertencimento, a partir dela se habita o mundo e, não a encontrando, mergulha-se na angústia inerente à condição de existência. Pertencer está na formação de mundo, em que o ser se torna capaz de se resguardar, identificar as suas relações cotidianas e habituais. Assim é capaz de deixar-se aparecer, manifestar-se no mundo como identidade, pode interpretar e criar significação com as suas relações interpessoais e espaciais.

Sendo a espacialidade essencial ao próprio ser, o não pertencimento ou o não se identificar com um lugar provoca a angústia existencial de um confrontar-se com um mundo ao qual não se compreende e com o qual não se identifica, portanto não pertence. Assim, o ser, em confronto com um mundo, no qual não consegue encontrar referências de significação, não consegue identificar um *de onde* ou *para onde* das coisas e de si mesmo, dessa maneira, perde a capacidade de compreensão e interpretação do mundo a sua volta.

Na privação de acolhimento, que se apreende na angústia, o mundo deixa de ser o mundo de construção e identificação do indivíduo e passa a ser o mundo num sentido externo. Esse movimento do ser de retirada do seu próprio mundo permite confrontar-se consigo mesmo, chegar a sua condição mais originária, como uma angústia, um medo, do não pertencimento, que está sempre presente na condição de ser do indivíduo. Porém, na angústia, o indivíduo evidencia, para si mesmo, a sua necessidade primária de estar no mundo, de morar, de habitar e pertencer e, nesse movimento de entrada e saída de seu próprio mundo, consegue buscar um habitar ainda mais originário e próprio de sua existência.

Assim, a condição de habitar no mundo não exclui o sentimento de exílio sempre presente no ser, esse movimento de pertencimento e exílio de seu próprio

mundo é que o faz navegar, em sua existência, na busca de um habitar mais próprio e conectado com seu entorno. Dessa maneira, o indivíduo toma posse de si mesmo, mora em si, efetiva suas próprias vontades e possibilidades, mesmo na angústia da possibilidade de não estar sempre seguro e resguardado no seu habitar.

A existência do ser/estar é espacial em si. Ela se concretiza, em uma espacialidade fatídica, que se traduz para o ser como uma totalidade significativa em que ele compreende o seu mundo e a si mesmo. O espaço, quando tratado de maneira abstrata e externa à existência do ser estando, perde sua significação e neutraliza o mundo e o entorno, no qual está colocado, assim ele se des-mundaniza e se desumaniza, pois perde a capacidade de se compreender e compreender o mundo a sua volta.

O constante processo construção, formação e cultivo que é próprio da condição essencial do ser/estar se materializa e se torna compreensível para ele quando o seu mundo se concretiza nas relações que forma com as coisas e com meio em que vive. Assim, o construir é uma concretização do ser, do entendimento e da compreensão de mundo. É construindo as suas relações com o mundo que o ente se apropria dele.

O mundo, formado na existência do ser, é um congregar de mundos que se co-pertencem e relacionam-se entre si. O mundo se define, a partir desses encontros, que ganham significado e imerso, na sua própria existência, o indivíduo compreende a si mesmo. O encontro provoca a abertura desses significados que aparecem para o ser a partir dos quais interpreta sua existência.

O significado das coisas nos aparece na forma como nos ocupamos delas e não da sua mera presença. Assim, o nosso entorno não se forma apenas pela presença material, mas do que essa presença significa para a nossa existência. É na espacialidade inerente à presença e concretude das coisas que o ser, também essencialmente espacial, forma seu mundo. Pelo mundo, o ser estando se movimenta, cria

significados, identidade e habita o mundo a partir desses significados. É também, a partir desses significados, que as coisas se tornam referências que possibilitam o pertencer e, a partir dos quais, identifica-se a presença do ser, nos diversos mundos criados por ele e para os demais seres, cada um na sua individualidade.

O mover-se, ou seja, o estar aí espacial do ser é indispensável à sua compreensão de mundo. Somente nesse estar, nesse mover-se pelo mundo é que o ser consegue compreender a sua natureza e a natureza dos demais entes e assim diferenciá-las.

Dessa forma, o espaço que o ser percorre e no qual percebe as coisas e a si mesmo não é o espaço cartesiano como *res extensa* de um mundo abstrato de percepção matemática. O espaço percebido e formador do ser e de seu mundo é um espaço de referencialidade e significação, o ser não percorre o espaço apenas pela corporeidade imediata de sua matéria, mas pela presença dos significados que as coisas tomam dentro de seu mundo.

A presença da significação, não necessariamente é física, pode ser mental ou emocional, como uma obra de arte é capaz de fazer, pode ser remetida num espaço por outros elementos que tragam a presença de sua significação, mas é sempre concreta, na formação de mundo do indivíduo pela sua significação adquirida, na sua construção pessoal e na construção do mundo, no qual é parte integrante dele. O ser é presença em seu mundo e não objeto alienado que apenas o observa, por isso, não se pode separá-lo da sua própria formação. A relação aqui pensada já não se dá, em termos de sujeito e objeto, ou de sujeito transcendental de natureza superior que paira sobre um mundo como *res extensa*. Aqui o ser é presença no mundo que se forma dele e com ele, a partir da concretude de significação, que seu mundo adquire.

O espaço se forma, a partir do encontro das coisas, que ganham significação, na reunião que as faz revelar o sentido de mundo para o indivíduo ao qual pertence. Assim, o mundo e o ser se formam mutuamente e, dessa forma, abre-se o espaço existencial

no qual o ser experiencia a sua vivência.

A possibilidade de significação do habitar do ser no mundo é que dá possibilidade de elaboração do mundo como totalidade. As coisas, assim como a natureza, têm sua existência própria independente do ser. Faz-se necessário apontar é como o ser enquanto indivíduo constrói o seu próprio mundo, a partir de sua própria existência. Ele o faz ao dar significação, à medida que abre o seu espaço de vivência, no qual concretiza o seu mundo, revela seu sentido de ser no espaço de sua presença. A partir da experiência de mundo interior, compreende-se e se faz a conexão com o mundo externo como uma totalidade.

O espaço é então percebido pelo pertencimento mútuo das coisas que o compõem e a ele trazem significação. Esse pertencimento se dá a partir de um abrigo, de um estar dentro de uma interioridade recíproca, assim, os objetos alcançam a sua razão de ser e o espaço se organiza e aparece a partir das coisas. Desse modo, revela-se a totalidade e a significação que torna esse espaço significativo e perceptível como lugar ao indivíduo.

O sentido da coisa se revela, não nas suas características evidentes, mas no seu significado adquirido no contexto cotidiano da vida. O ser/estar-no-mundo se concretiza pela relação do ser com o seu mundo cotidiano, com as coisas que compõem o seu entorno e dão ao mundo cotidiano da pessoa humana significação. O mundo apreendido pelo ser humano não é uma totalidade abstrata no espaço, o mundo que compreende a existência do ser está naquilo que habita o mundo junto com ele e que forma o seu, ou os seus lugares no mundo.

O mundo e o si mesmo do ser são uma unidade, só se descobre um “sujeito”, quando se revela a “objetividade” necessariamente espacial e corporal que as coisas possuem, assim, revele-se a sua significação dentro da totalidade do mundo. Tanto o ser quanto as coisas, um perfaz o outro, ou seja, um não se impõe ao outro, eles se fazem juntos, são uma unidade que se organiza, a partir de um espaço, tanto como

corporeidade como quanto organização.

A dimensão espacial, como dimensão existencial do ser, é fundamento para o ser no mundo, tanto como essência como quanto individualidade. Esse ser refere-se às relações criadas espacialmente, para referenciar e percebe-se como subjetividade, pois só se está posto no mundo, quando se habita esse mundo como corporalidade concreta. Assim, as relações de transcendência, ou suas fronteiras de delimitação se dissolvem na concretude das coisas e da existência do ser como agir. Essas relações de transcendência acabam por se traduzir, numa relação de proximidade ou distância entre o ser e as coisas e a maneira como essas relações espaciais se dão, em termos de presença e distância, dentro do mundo que surge, a partir do agir do ser.

A ARTE COMO ACONTECIMENTO DA VERDADE E ARTE COMO ARQUITETURA

As coisas, então, por meio de sua relação, organizam e fundam o espaço. A obra de arte, da mesma maneira, é capaz, enquanto permanece como obra de arte, de fundar um espaço, pois se torna referência para a organização e para a ambientação que surge no espaço a partir dela. Ela torna possível a criação de novas relações espaciais e propicia novas possibilidades de mundo, a partir do agir do ser no mundo.

Se porventura um corpo possui outro corpo a ser-lhe exterior, a envolvê-lo, está ele efetivamente num lugar, e se não tiver, não estará. Esta é, então a razão por que, caso uma determinada coisa se torne água (coisa essa sem possuir nada de si mesma), nessa ocorrência poder-se-ia considerar tal coisa como sendo sem lugar; na verdade, as partes do todo movem-se (isto é, envolvem-se mutuamente), embora, quanto ao todo, se porventura se mover num outro sentido, tal não acontece (Aristóteles, 2023, pg. 126, 212a).

A arte, como fazer humano, é uma forma de insta-

lar, é uma linguagem do habitar humano, assim a obra de arte forma lugares, pois dá espaço, promove abertura para que o pensamento possa estar liberto. Só pode estar liberto, pois foi-lhe concedido um lugar para isso. A liberdade concedida pela abertura que é própria do conceder, ocorre no espaço, formado pela região de encontro, em que se designam os lugares de acontecimento, em que o deixar abrir-se das coisas pode ocorrer.

Quando Hegel insiste na grande diferença de qualidade que uma pequena diferença de número pode constituir, ele já estava questionando a tendência moderna de reduzir o qualitativo ao quantitativo. Ele mostra que iguais quantias não são iguais. Dependem do que está próximo a elas, do sentido que assumem no todo da significação. Uma grande obra de arte decorre de muitos pequenos acertos no todo e em cada detalhe. Seu caráter único, aquilo que a faz ter uma qualidade especial e sugerir algo que somente ela consegue, é construído com muitos detalhes a partir de uma intuição geral, que somente sabe o que ela é à medida que ela vai sendo construída. A obra se obra no autor e faz com que ele seja autor. Não é tanto ele que faz a obra, mas a obra é que o faz, pois ela se perfaz através dele. Ele é o caminho para ela aparecer (Kothe, 2019, p. 10).

Heidegger diz que a obra de arte é onde a verdade acontece, pois, quando a obra é capaz de ser um lugar, ela permite a formação de uma região de encontro, em que há abertura como acontecimento, como um libertar sem limitações e sem impedimentos para o pensar. Na obra de arte, o ser se movimenta, nela o ser se mostra. A obra de arte é capaz de revelar aquilo que foi instaurado pelas coisas.

Heidegger descreve a conexão entre o artista e a obra de arte, como copertinência, em que o artista faz a obra, a obra que o constitui como artista.

O homem não *faz* o espaço; o espaço *também não é nenhum* modo *subjetivo* da intuição; ele também não é nada objetivo como um objeto. O espaço precisa, antes, do homem para espaçar como *espaço*. Essa relação misteriosa, que não apenas toca a vin-

culação do homem com o espaço e com o tempo, mas a vinculação “do Ser com” o homem (acontecimento apropriativo), essa relação é o que se esconde atrás do que nós, apressada e superficialmente, representamos como o mencionado movimento circular ou em círculo quando precisamos determinar a arte a partir do artista e o artista a partir da arte (Heidegger, 2008, p.20).

Se fizermos uma analogia a essa correlação, em termos de arquitetura, podemos especular que o meio construído, que é habitado pelo indivíduo, é feito ou modelado por ele, assim como pelo arquiteto. O primeiro, em seu habitar, morar e organizar de sua vida cotidiana e o segundo pelo planejar por ele, proposto ao definir os caminhos, usos, materiais, iluminação etc., da mesma forma, o meio irá constituir a formação do indivíduo em sua identidade e forma de habitar o mundo.

A arquitetura, então, revela a forma como o ser habita o mundo, como ele organiza e relaciona os seus espaços. Com ela, pode-se interpretar como cada indivíduo se identifica com o seu espaço e como uma cultura organiza e revela as suas relações.

Assim, poder-se-ia fazer um comparativo entre as noções de tempo e espaço, em Kant e em Heidegger. Enquanto Kant classifica o espaço como uma totalidade externa, numa noção abstrata e matemática, Heidegger coloca o espaço como sendo aquele criado da maneira factual pelo movimento e pelo agir do Dasein. De tal modo, o espaço existe por si, sua factualidade é real, porém sua percepção é subjetiva e intimamente ligada a formação da existência do ser, e não abstrata, objetivada e externa como em Kant.

O sentido de verdade, em Heidegger, está profundamente ligado ao lugar do ser, como ente essencialmente espacial. A verdade do ser está intrinsecamente ligada à sua forma de ser no mundo, como ele se movimenta e como age na concretização de sua existência. Assim, o sentido de verdade pertence ao lugar onde o ser realiza sua existência, essa verdade é espacial e temporal, refere-se ao tempo e espaço, assim, ela é relativa e mutante e não absoluta como

se pretende acreditar.

Temos uma circunstância de como a parte se vem a correlacionar com o todo. Por esse motivo, verifica-se um certo contacto entre as coisas, isto é, há uma espécie de conaturalidade, ao tornarem-se ambos num só por geração. É isso o que há a dizer em relação ao lugar, a saber, quanto a existir e àquilo em que consiste (Aristóteles, 2023, pg. 128, 213a).

Os limites definem uma identidade ao lugar. A identidade tanto de um lugar quanto a dos entes que compõem este lugar se dão dentro de um determinado tempo e de um determinado espaço. Essa identidade irá se refletir no habitar do ser e em como ele se relaciona com o lugar construído a partir da sua reunião e dos entes que compõem o lugar.

O ser só é, porque está em si mesmo, ele é necessariamente espacial e sua existência se dá necessariamente em um lugar, num permanecer, em um pertencimento ou na falta dele. Sua existência e o mundo só ganham sentido nesse lugar de existência, por isso, a sua verdade está intimamente ligada ao seu lugar.

A obra de arte é capaz de transformar qualitativamente o espaço, ampliar os seus limites, transformar a realidade de quem ocupa o espaço. A arte é abertura de espaço desvelando seu ser. Ela é capaz de transportar uma realidade externa ao espaço, transformando-o em seu lugar de representação e desvelamento. Assim, por meio da obra de arte, o espaço se torna um lugar propício ao acontecimento da verdade. Esse acontecer se dá justamente pelo fato de se encontrar esse lugar de resguardo onde a obra pode deixar-se acontecer. Acontece, pois tem lugar, cria e transforma o mundo ao encontrar esse lugar de acontecimento, em que o copertencimento entre a obra de arte e o seu lugar de permanência, reciprocamente, concedem significado, criando uma ambiência advinda desse pertencimento.

Uma obra arquitetônica, um templo grego, não copia nada. Ele se ergue simplesmente aí em meio às rochas escarpadas do vale. A obra arquitetônica

envolve a figura do deus e neste velamento a deixa projetar-se no âmbito do recinto sagrado através do pórtico aberto. Graças ao templo o deus se faz presente no templo. Esta presença do deus é em-si o alargamento e a trans-de-limitação do recinto como um recinto sagrado. Todavia o templo e seu recinto não pairam no indeterminado. O templo-obra junta primeiramente e ao mesmo tempo recolhe, em torno de si, a unidade daquelas veredas e referências, nas quais nascimento e morte, maldição e bênção, vitória e ignomínia, perseverança e queda, ganham para o ser humano a configuração de seu destino. A amplitude reinante dessas referências abertas é o mundo deste povo histórico. Somente a partir dele e nele é que retorna a si mesmo para consumir sua vocação (Heidegger, 2010, pg. 101 e 103).

A obra de arte, assim com a obra arquitetônica, instaura, em seu lugar de pertencimento, relações de referência e significação com seu mundo interior engendrado, a partir dela e de seu entorno, na instauração de novos espaços existenciais de significação. O significado está na sua relação original com seu lugar de origem e na relação com os diversos espaços que a partir da obra se instauram. “Ser-obra significa: instalar um mundo” (Heidegger, 2010, p. 109).

A arquitetura, como arte que instala lugares, não é aquela que imita coisas, mas aquela que dá início. Com a definição de seus limites e sua natureza autônoma, dentro da paisagem e entre os homens, a arquitetura inicia a conformação e a significação dos lugares onde se concretiza a existência. A obra arquitetônica constitui-se como referência, a partir da qual se abre um mundo, referenciam-se os caminhos dos indivíduos que, por seu entrono circulam, configuram as vias de uma cidade. A arquitetura faz parte do que caracteriza o reconhecimento de um povo como povo, como se dá sua manifestação cultural e hábitos de vivência. Mesmo um povo nômade organiza sua moradia para lhes prover a segurança do pertencimento e do entendimento do espaço em que habitam, organizam suas tendas com uma determinada organização, demarcam seu lugar transitório de morada e junto a ela organizam seus afazeres, costumes e dão expressão à sua cultura, sua

maneira de viver.

A arquitetura possui um poder conformador de abertura de um novo mundo que nasce a partir da obra arquitetônica. Ela determina o espaço, define o que é aberto e o que é fechado, como se dão as relações entre o mundo interior e o mundo exterior, dá rosto e significado ao lugar e caracteriza um tempo próprio de sua instauração. Esse poder se dá pelas relações de pertencimento da obra com seu lugar, seu tempo e com as pessoas que nela habitam.

Essas relações e essa vontade de habitar, de pertencer se tornam fundamento da existência do indivíduo, pois, em sua condição de ser, está sempre presente a angústia e o estar entre o estranho, isso instiga a busca pela morada, pelo habitual, pelo habitar, uma busca pelo pertencimento, por sentir-se localizado e por possuir referência na estância que é própria de sua existência.

A obra de arte, à sua maneira, abre inauguralmente o ser do sendo. Na obra acontece a abertura inaugural, ou seja, o revelar, ou seja, a verdade do sendo. Na obra de arte a verdade do sendo se põe em obra. A arte é o pôr-se-em-obra da verdade (Heidegger, 2010, pg. 95 e 97).

A obra de arte opera o aparecer da coisa como coisa, revela seus significados, suas origens, seu lugar. Assim como Heidegger demonstra, em sua análise da obra de Van Gogh e do templo grego, em *A origem da obra de arte*. A obra de arte permite que se enxergue o mundo como aberto e não apenas o mundo do nosso cotidiano limitado pelas nossas próprias perspectivas, ela abre o mundo e o deixa acontecer para além da limitação da rigorosidade técnica ou da perspectiva pessoal do indivíduo. Ela abre para o próprio indivíduo aquilo que lhe é próprio, mas ele não consegue visualizar quando preso às suas habitualidades. Tem a capacidade de retirar a coisa do mundo do indivíduo e colocar o indivíduo no mundo da coisa, abrindo-lhe novas perspectivas de pensamento, força-lhe a encarar o estranho próprio de sua condição de ser para que possa repensar o seu habitar e o seu cotidiano sob uma nova perspectiva.

A dimensão espacial é fundamento da existência do ente, como materialidade e do ser, como condição primária da angústia e do não pertencimento original à condição de ser. Para que o ser dê significação à estância de sua existência, ele instaura lugares na relação criada pela definição de limites, em que habitam e se configura o seu pertencimento e, ao buscar esse pertencimento constantemente, necessita encarar a angústia e o estranhamento, expressando-os, por meio da obra de arte, para que possa alcançar novas aberturas de espaços no mundo em que amplia suas perspectivas de mundo e de conhecimento para além das suas próprias limitações.

A própria obra de arte amplia-se, ao acontecer como expressão de sua própria verdade, assim, a verdade não é suprema, absoluta e pertencente a uma dimensão acima do alcance dos homens, a verdade é espacial e temporal. A verdade acontece na obra de arte como uma abertura de horizonte que se dá, a partir dela mesma, expande-se, ao alcançar a configuração de lugar e ao impactar as pessoas que residem em sua presença.

O espaço enquanto região compreende o mundo como receptáculo da dimensão do pensamento, com relação entre o ente e as coisas, de maneira a não objetificar e reduzir o significado das coisas, mas, sim, uma relação em que se ganha e se desenvolve significados de pertencimento que contribuem ao habitar do ente no mundo criado por suas relações.

A razão é a capacidade de se contrapor, colocar-se à frente daquilo que forma o todo. Estando-se isolado, não se pode e não se justifica contrapor, pois não há nada além de si, se assim fosse, não haveria de ter razão, nem pensamento, nem individualidade. Ou seja, define-se como identidade, porque se cria relações entre as coisas, o ente e o mundo.

A metafísica busca, por meio de sua maior expressão, a técnica. A técnica é a expressão da busca por uma organização geral do mundo por meio de generalizações e da ocultação das diferentes expressões de pensamento. A razão de ser e a expressão da téc-

nica só são de fato importantes quando cumprem o seu papel como dimensão de contraposição das coisas. Onde ela deve cumprir a função de confrontar, para que se abra espaço para novas relações, onde exista abrangência e não apenas anulação como é utilizada atualmente.

Igualmente, a razão expressa a relação entre os entes, porém ela só se sustenta enquanto razão, quando serve à busca de novas significações, a aberturas de espaços para novas relações. Se for corrompida a restrição de abertura dessas novas relações, a razão torna-se instrumento da negação e da intolerância. Dessa maneira, tanto a razão como qualquer expressão do pensamento do ente ou da essência do ser implicam espaçar, uma abertura de espaço em que há uma espera ativa, um permanecer receptivo que permite o acontecimento das relações entre as coisas e, a partir dessas relações, gera o seu pertencimento ao mundo em que mora, habita. Quando o ser, a partir desse pertencimento, apropriar-se do próprio mundo e abrir novos horizontes de pertencimento pela significação, ele torna-se capaz de morar, habitar.

Não se deixar perecer na escuridão requer um movimento de interiorização, de abertura de um espaço interno de pertencimento a um mundo de significação própria e não generalista, um espaço em que se permite a estância do ser, onde ele mora, reside e habita. Dessa forma, o espaço deixa transparecer sua dimensão existencial, como deve ser compreendida na arquitetura. Arquitetura que se supera não pela superação vazia da técnica, mas por abranger sua posição de arte concretizadora de realidades, realidades que devem se superar, na criação de novas relações de pertencimento e significação, dando expressão ao habitar do ser.

O pensamento tradicional representativo postulado na metafísica gera uma separação e uma dualidade entre homem e mundo. Heidegger volta-se ao pensamento meditativo, em que o mundo é formado não pela oposição, mas pelo relacionamento de proximidade e pertencimento, que se formam entre o ente e as coisas, reflete uma postura ética, em re-

lação à maneira como o homem forma seu morara, seu habitar no mundo junto e entre as coisas e não contra e em oposição a elas. Nessa perspectiva, as relações não são hierarquizadas, mas, sim, colaborativas de mútua dependência, o ser da coisa e o ser do ente coexistem e confirmam a sua existência na relação criada mutuamente entre coisa e ser. Assim, as coisas não se reduzem a objetos da consciência do homem, elas existem por si mesmas e na relação de proximidade, referenciamento e pertencimento que se cria mutuamente entre coisa e ente que forma o mundo no qual o ente e as coisas habitam. Esse mundo é a abertura gerada na reunião da quadratura, em que o homem habita, a abertura é justamente a reunião, o acontecimento apropriativo que reúne as relações formadoras do mundo.

As coisas, assim como o ser, possuem corporalidade, e as relações entre ambos, que dão forma ao mundo, ou o espaço como lugar, tomam corpo por meio da linguagem que revela o significado dessas relações. Essa linguagem pode ser a literatura, tanto como escrita ou como fala, assim como qualquer outra forma de arte seja a música, a pintura, a escultura, a dança e principalmente a arquitetura. Todas as artes são capazes de criar uma ambiência e revelar significado a essas relações, muitas vezes, encobertas numa não obviedade para a vida cotidiana. Porém a arquitetura, nesse cenário, ganha protagonismo, pois ela é a própria matéria-prima de sua arte, a criação de espaços, de mundos de significação, de significação como realidade concreta, nas quais as demais artes vão tomar forma e integrar a vivência do indivíduo como ser, por isso, a primordial importância do entendimento de seu significado existencial, que compõe o próprio ser da arquitetura como arte.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Física**. Tradução e notas Carlos Humberto Gomes. 1ª edição, Coimbra:Ed. Edições 70, 2023. ISBN 978-972-44-2618-1.

AZEVEDO, M. K., & NETO, G. A. R. M. O desenvolvimento do conceito de pulsão de morte na obra de Freud. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v.15, n.1, p.67-75, 2015. <https://doi.org/10.5020/23590777.15.1.67-75>

BARRETTA, J.P.F. O conceito de vivência em Freud e Husserl, **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 47-78, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000100004>

BIERI, Andrea. Desinteresse e vontade em Kant, Schopenhauer e Nietzsche. **Revista Concinnitas**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.84-107, 1998. ISSN 1981-9897.

COLIN, Sílvio. **Processos subjetivos de criação em arquitetura**. Rio de Janeiro: Silvio Vilela Colin, 2019. ISBN 978-65-900846-0-6.

_____. **Repensar a arquitetura**. Rio de Janeiro: Silvio Vilela Colin, 2019.

_____. **Fundamentos da arquitetura**. Rio de Janeiro: Silvio Vilela Colin, 2019. ISBN 978-65-900846-1-3.

_____. **Uma introdução à arquitetura**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2019. ISBN 978-855662-225-9.

COUTINHO, Evaldo. **O Espaço da Arquitetura**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1977. ISBN: 978-85-27301-66-4.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Tradução e notas Edson Bini. 1ª edição, São Paulo: Edipro, 2016. ISBN: 978-85-7283-953-2

_____. **Discurso sobre o método**. Tradução Paulo M. de Oliveira. 2ª edição, São Paulo: Edipro, 2006. ISBN: 85-7283-458-3.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916), Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas volume 12, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1606-5.

_____. **História de uma neurose infantil**: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920), Tradução Paulo César de Souza. Obras completas volume 14, 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. ISBN: 978-85-359-1613-3.

_____. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos** (1920-1923), Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ISBN: 978-85-359-1871-7.

_____. **O eu e o Id, “autobiografia” e outros textos** (1923-1925), Tradução Paulo César de Souza. Obras Completas volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. ISBN:978-85-359-1872-4.

FUÃO, Fernando Freitas. Construir, morar, pensar: uma releitura de “construir, habitar, pensar” (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger. **Revista Estética e Semiótica**, v. 5, n. 2, p.71-82, 2015.

GOMES, Matheus R. A ‘apercepção transcendental’ Kantiana frente ao eu puro Fichteano do criticismo ao idealismo alemão, **Revista Alamedas**, v. 7, n.1, 2019 e-ISSN 1981-0253

GUYER, Paul. Os símbolos da liberdade na estética kantiana. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 9, p. 73-92, oct. 1995. ISSN 0104-6675.

GUZZONI, Ute. A relação entre espaço e a arte no Heidegger tardio. Tradução Alexandre de Oliveira Ferreira. **Revista ArteFilosofia**, Ouro Preto, n. 5, p. 48-60, jul 2008.

HEIDEGGER, Martin. CONSTRUIR, HABITAR, PENSAR. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) **conferência** pronunciada por ocasião da “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Disponível em: https://issuu.com/estevaosabatier/docs/heidegger__martin__

construirhabitar

_____ **Que é uma coisa?**, Tradução Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-2013-4

_____ **A origem da obra de arte**, Tradução Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010. ISBN 978-85-62938-03-0.

_____ **Nietzsche**, Tradução Marco Antônio Casanova. 2ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2014. ISBN:978-85-309-5633-2.

_____ **Kant e o problema da metafísica**, Tradução Alexandre Franco de Sá e Marco Antônio Casanova. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Via Verita, 2019. ISBN 978-85-64565-90-6.

_____ **O acontecimento apropriativo**, Tradução Marco Antônio Casanova, 1ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2013. ISBN 978-85-309-4759-0.

_____ **Contribuições à filosofia: do acontecimento apropriador**. Tradução Marco Antônio Casanova; revisão Gabriel Lago Barbosa- 1ª edição – Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. ISBN 9788564565258.

_____ **Ensaio e conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8ª edição – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. (Coleção Pensamento Humano). ISBN 978-85-326-2638-7.

_____ **Sere verdade**: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade. Tradução Emmanuel Carneiro Leão; revisão da tradução Renato Kirchner, 2ª edição, Petrópolis: Editora Vozes e Bragança Paulista, Editora Universitária São Francisco, 2012. ISBN: 978-85-326-3571-6.

_____ Observações sobre Arte – Escultura – Espaço. Tradução Alexandre de Oliveira Ferreira, revisão Marcel Albierto da Silva Santos. **Revista Arte e Filosofia**, Ouro Preto, v. 3, n. 5, p. 15-22, jul. 2008.

_____ **Coleção Os Pensadores** - Conferências e escritos filosóficos. Tradução e notas Erinaldo Stein, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. ISBN: 85-13-00905-9.

_____ **Identidade e diferença**. Tradução e notas de Erinaldo Stein. 1ª edição Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2018. ISBN: 978-85-326-5792-3.

JUNG, Carl Gustav, **O homem e seus símbolos**, Tradução Maria Licia Pinho. 3ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Haper Collins, 2017. ISBN 978-85-69809-63-0.

_____ **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**, Tradução Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11 edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2019. ISBN 978-85-326-2354-6

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**, Tradução Daniela Botelho B. Guedes. São Paulo: Ícone Editora, 2009. ISBN 978-85-274-1036-6.

_____ **Crítica da Razão Pura**, Tradução e Notas de Fernando Costa Mattos. 4ª reimpressão, São Paulo: Editora Vozes, 2018. ISBN 978-85-326-4324-7

_____ **Metafísica dos Costumes**, Tradução Bruno Nadai, Diego Kosbiau e Monique Hulshof. 4ª reimpressão, São Paulo: Editora Vozes, 2019. ISBN 978-85-326-4651-4.

_____ **Fundamentos da Metafísica dos Costumes**, Tradução de Paulo Quintela. Textos filosóficos 7, Lisboa: Edições 70, 2019. ISBN 978-972-44-1537-6.

KOTHE, Flávio R. **Fundamentos da teoria literária**, 1ª edição. Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2019. ISBN 978-85-54150-59-4.

_____ Arte, arquitetura e liberdade. **Revista Estética e Semiótica**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 8-25, 2019. ISSN 2238-362.

_____ A quina de Aquino. **Revista Estética e Semiótica**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 9-23, 2020. ISSN 2238-362.

_____**A poesia hermética de Paul Celan.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2016. ISBN 978-85-230-1178-9.

MARTINS, C. A. Autoconsciência pura, Identidade e existência em Kant. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, v.21, n.1, p. 67-89, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731999000100008>

MOOSBURGER, Udo Baldur. A dedução das categorias na primeira edição da crítica da razão pura de Kant. **Dissertatio**: Revista de Filosofia da Universidade Federal do Paraná. v. 37, p.157-179, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15210/dissertatio.v37i0.8648>

MOREIRA, Eliana Henriques. Sobre a “superação” da distinção corpo e alma e suas implicações para a arte - uma perspectiva heideggeriana. **ArteFilosofia**, v. 15, edição especial, P. 243-269, 2020. ISSN: 2526-7892, DOI: <http://www.artefilosofia.ufop.br/>

MUSSE, Ricardo. (1997). Diferenças entre as deduções nas duas edições da crítica da razão pura. **Trans/Form/Ação**: Revista De Filosofia Da Unesp, v.20, n.1, 45-55, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731997000100003>

NESBITT, Kate. **Uma Nova Agenda Para a Arquitetura.** 1ª edição, São Paulo: Editora Cosac Naify, 2006. ISBN – 978-85-75035-05-4.

NIETZSCHE, **Nietzsche – Vida e Obra:** Coleção os pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005. ISBN: 85-13-00857-5.

_____**A vontade de poder.** Tradução de Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2008. ISBN: 978-85-85910-96-9.

_____**Fragmentos do espólio:** primavera de 1884 a outono de 1885; seleção, tradução e prefácio Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008. ISBN: 978-85-230-1226-7.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci:** Towards a phenomenology of architecture, New York -USA: Rizzoli International Publications, Inc., 1980. ISBN: 0-8478-0287-6.

_____**“Heidegger’s Thinking on Architecture.”** **Perspecta**, vol. 20, 1983, pp. 61-68. JSTOR, <https://doi.org/10.2307/1567066>.

PIMENTA, Arlindo Carlos. O tempo em Freud. **Estudos de psicanálise**, Estudos em Psicanálise, Belo Horizonte, n.41, p.59-66, jul. 2014. ISSN 0100-3437

PAULSEN, Friedrich. Kant, o filósofo do protestantismo. **Revista ética e filosofia política.** v. I, n. XXI, jul, 2018. DOI: <https://doi.org/10.34019/2448-2137.2018.26090>

RAWLS, Jonh. **Uma Teoria de Justiça**, Tradução Almiro Piseta e Lenita Maria Rímoli Esteves. 2ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2002. ISBN: 85-336-1630-9

_____**História da Filosofia Moral.** Tradução Ana Aguiar Cotrim. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2005. ISBN 85-336-2218-X.

SILVA, Hélio Lopes da. A Imaginação na crítica kantiana dos juízos estéticos. **ArteFilosofia**, Ouro Preto, v. 1, n.1, p. 45-55, 2016. ISSN: 2526-7892 (on-line), ISSN: 1809-8274 (impresso).

SCHILLER, Friedrich. **Cultura estética e liberdade.** Tradução Ricardo Barbosa. São Paulo: Hedra, 2009. ISBN 978-85-7715-110-3.

_____**A educação estética do homem:** numa série de cartas, Tradução Roberto Schwarz e Marcio Suzuki. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1989. [10ª reimpressão, 2017]. ISBN 85-85219-10-6.

SARAMAGO, Ligia. **A “topologia do ser”:** lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, São Paulo: Loyola, 2008. ISBN 978-8515-03584-7.

_____. Sobre a arte e o espaço de Martin Heidegger. **Revista ArteFilosofia**, Ouro Preto, n. 5, p. 61-72, jul 2008.

TREVISAN, D. K. Estética como 'ciência do sensível' em Baumgarten e Kant. **ArteFilosofia**, n. 17, dezembro 2014.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura**. Tradução técnica Alexandre Salvaterra. 3ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2013. ISBN 978-85-65837-76-7.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. Tradução Maria Isabel Gaspar, Gaetan Martins de Oliveira. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. (Coleção Mundo da Arte). ISBN 978-85-7827-084-1.